



A Guerra Cognitiva: o Campo de Batalha de Donald Trump

Os Estados Unidos, sob a égide de Donald Trump e do movimento MAGA (*Make America Great Again*), inauguraram uma nova era de conflitualidade que se compara ao estado de guerra. Não se trata de uma guerra baseada na força cinética, ainda que o seu poderio militar permaneça como uma sombra sempre presente. Trata-se, sim, de uma **Guerra Cognitiva**. Esta estratégia tem sido amplamente usada tanto no plano interno como na relação com aliados e com os parceiros internacionais e visa a conquista da hegemonia através da colonização do pensamento.

Um Novo Domínio da Guerra

Ao contrário de ataques com mísseis, que aniquilam o adversário e destroem infraestruturas físicas, a Guerra Cognitiva atua no subconsciente. É um combate dissimulado, insidioso e permanente. Os

seus alvos - sejam eles chefes de Estado, políticos, militares ou o cidadão comum - raramente percebem a manipulação, acreditando genuinamente que as suas conclusões são fruto do livre-arbítrio e do raciocínio lógico próprio.

Pela sua importância, a Guerra Cognitiva tende a constituir o **sexto domínio da guerra**, elevando a batalha no cérebro humano ao mesmo estatuto estratégico da terra, mar, ar, espaço e ciberespaço.

Este domínio não busca apenas controlar a informação, mas sim moldar a própria biologia da decisão. O alvo não é assim apenas a opinião pública, mas os processos neurais dos indivíduos, utilizando o conhecimento de como o cérebro toma decisões para criar estados de desconfiança, confusão ou paralisia, com o objetivo de alterar a maneira de pensar e actuar dos visados.

Envolve geralmente um processo de erosão da confiança para minar a fé e as crenças do indivíduo nas instituições democráticas, na ciência, nos média ou outros. Promove a polarização social ao fragmentar a sociedade em grupos hostis para paralisar os processos políticos do país ou do adversário. O objectivo é vencer sem ter que lutar para conquistar objetivos geopolíticos e sem a necessidade de envolver conflitos armados, que são onerosos e implicam baixas. É a aplicação moderna do princípio da guerra de Sun Tzu de **vencer sem lutar**, paralisando o adversário através do medo e da desorientação mental.

A Manipulação do Pensamento: "Como" em vez de "O Quê"

Através da exploração de vulnerabilidades neurobiológicas e dos avanços da neurociência, a Guerra Cognitiva altera a forma como o indivíduo processa a realidade. O objetivo não é a mudança de opinião passageira, mas sim uma alteração comportamental e cognitiva profunda e duradoura.

A distinção fundamental entre a propaganda tradicional e a Guerra Cognitiva reside no método. Enquanto a propaganda tenta ditar **o que as pessoas pensam** (o conteúdo), a Guerra Cognitiva foca-se antes em **como as pessoas pensam** (o processo). Não se fixa assim naquilo que o indivíduo ouve, lê ou vê, mas sim na forma como o indivíduo processa o que ouve, lê e vê.

Trata-se da transição da persuasão externa para a reconfiguração interna, onde o campo de batalha se desloca dos meios de comunicação para os próprios mecanismos de cognição, tornando a manipulação invisível e, por isso, irrefutável.

O Laboratório MAGA: o Uso do Medo

Donald Trump transformou o sistema político americano num verdadeiro laboratório de experimentação cognitiva, que estendeu depois aos parceiros e aliados. A utilização de tecnologias emergentes como *Big Data* e Inteligência Artificial (IA) permitiu um nível de precisão sem precedentes que consentiu no micro-direcionar mensagens personalizadas para atingir grupos específicos nos seus pontos mais sensíveis.

O **Microtargeting Psicológico** feito com base em dados da empresa de consultoria política Cambridge Analytica, é um exemplo típico da atual guerra cognitiva digital utilizada por Trump. Em 2016, a campanha eleitoral de Trump utilizou dados de 50 milhões de utilizadores do Facebook para criar perfis psicológicos detalhados, para uso na Guerra Cognitiva do movimento MAGA.

Em vez de enviar a mesma propaganda para todos os eleitores, a campanha de Trump procedeu ao envio de anúncios personalizados com base em perfis psicológicos recolhidos do Facebook. Ao segmentar eleitores por traços de personalidade, esta campanha conseguiu ativar gatilhos de medo

específicos em cada indivíduo, atacando diretamente a predisposição neural de cada segmento do eleitorado. Se o sistema identificava um eleitor com um perfil psicológico neurótico ou propenso ao medo, recebia anúncios sobre os perigos da imigração. Mas se o eleitor apresentasse, por exemplo, um perfil consciencioso, recebia antes dados sobre a economia. O efeito no entanto era o mesmo. Ativar os gatilhos de medo específicos em cada indivíduo.

Os Mecanismos de Controlo: Emoção sobre Razão

A estratégia principal da ação de Trump tem consistido na exploração de falhas intrínsecas do cérebro humano, explorando de forma consistente vários vieses cognitivos.

- ***O Viés de confirmação:*** apoia-se na tendência humana para aceitar apenas o que reforça crenças já existentes. Se essas crenças ainda não existirem, então Trump usava a sua máquina de desinformação e a erosão da verdade para criar novas crenças.

Por exemplo, ao popularizar o termo "*Fake News*" para descrever órgãos de comunicação tradicionais, Trump executou uma manobra de isolamento cognitivo com o objetivo de invalidar fontes externas de informação, criando uma "bolha" onde apenas a sua narrativa é processada como verdadeira. O cérebro dos seus seguidores passa a rejeitar automaticamente qualquer facto que seja contrário, ativado por um viés de confirmação intransponível, tornando as pessoas imunes aos argumentos lógicos, à realidade e à verdade.

Esta foi uma das táticas de Trump mais usada durante a pandemia e após as eleições americanas de 2020, em que a sua Administração criou narrativas alternativas para manter a base de apoio de Trump num estado de alerta e de desconfiança contra as instituições, através das dúvidas constantes lançadas sobre a idoneidade do sistema eleitoral e sobre a conduta das agências de saúde no período do COVID.

- ***Heurísticas de Disponibilidade:*** O uso de mensagens curtas, repetitivas e emocionalmente carregadas faz com que essas informações sejam as primeiras a ser recordadas pelo cérebro, moldando a percepção de segurança ou perigo do indivíduo.

A arte de inventar utilizada por Donald Trump usa frequentemente vieses de *heurísticas de disponibilidade*, que envolve o processo cerebral em que a mente humana define a probabilidade de um evento acontecer a partir da facilidade com que se lembra de um evento similar ter acontecido no passado.

Por exemplo, se alguém pergunta se a sua cidade é segura, para resposta usamos a memória para definir o nosso grau de segurança com base na probabilidade de sermos assaltados ou agredidos. Neste caso, confiamos na capacidade de julgamento do nosso cérebro com base na memória para interpretar a mundo à nossa volta e encontrar respostas. Dando mais peso a determinadas informações, ou a pseudo informações implantadas, especialmente as mais recentes, gera-se um impacto emocional imediato no indivíduo que pode originar determinados estados de espírito, como o medo, ou a raiva, que afetam o seu julgamento.

- ***Dissonância Cognitiva:*** Trump gera desconforto mental ao apresentar narrativas contraditórias, forçando os seus seguidores a criar justificações internas que, eventualmente, os levam a aceitar a "verdade" do líder para aliviar a tensão psicológica.

A dissonância cognitiva consiste na ansiedade, tensão, ou culpa que surge por se ter duas crenças, atitudes ou ações antagónicas, como por exemplo, fumar (ação), sabendo que é prejudicial à saúde (crença). Para aliviar o incómodo ou desconforto mental decorrente deste antagonismo, a mente

cria justificações para a ação que sabemos ser nociva ou errada. Assim, podemos pensar que fumar não faz assim tão mal, ou que há quem viva até aos 100 anos a fumar.

- **A Polarização:** É usada como arma de paralisia através do uso de linguagem altamente emocional. O discurso de "nós contra eles" activa a área do cérebro humano ligada ao medo e à sobrevivência, que inibe o córtex pré-frontal, a área do cérebro responsável pelo pensamento racional. Com o uso desta táctica Trump transforma o debate político numa reação instintiva de defesa, tornando a sua base de apoio imune à lógica. Trump busca assim fragmentar a sociedade para que o adversário interno, o parceiro internacional ou o aliado seja visto como um inimigo existencial.

A Era da IA Generativa e dos *Deepfakes*: a Erosão da Verdade

A Guerra Cognitiva encontrou o seu apogeu na ascensão da Inteligência Artificial Generativa. Esta tecnologia inaugurou um patamar de hiper-realismo sem precedentes, onde a sofisticação na manipulação de imagens, vídeos e som - os chamados *deepfakes* - anula as barreiras entre o factual e o forjado, tornando a veracidade da informação praticamente indistinguível ao olho e ouvido humano e também ao senso comum.

O uso de *deepfakes* de imagens fabricadas - tal como Trump hasteando a bandeira americana na Gronelândia ou redesenhando o mapa das Américas incluindo o Canadá, Gronelândia e a Venezuela - funcionam como estímulos visuais que o cérebro processa emocionalmente, mesmo quando a consciência sabe que são falsas. A repetição destas imagens constrói uma figura mítica no subconsciente, sobrepondo o símbolo à realidade factual.

Para efeito desta repetição e difusão, a máquina de desinformação de Trump tem utilizado assiduamente as redes sociais, em especial a sua plataforma Truth Social, que ironicamente apelidou de “Verdade”, mas em vez disso espalha a decepção e a mentira consciente fabricada.

Desta forma, a verdade deixa de ser um pilar da democracia para se tornar um acessório descartável, permitindo que a simulação digital dite as regras de uma nova ordem política baseada na fé e não nos factos. Ao transformar a mentira sintética numa arma de alcance massivo, Trump não procura apenas persuadir o seu público, mas sim instituir uma realidade alternativa onde a evidência empírica é totalmente suplantada pela lealdade emocional.

Conclusão: O Combate à Manipulação Silenciosa

A ascensão da Guerra Cognitiva sob o movimento MAGA revela que as democracias modernas enfrentam uma ameaça para a qual não estão preparadas e ainda não desenvolveram defesas adequadas. As conclusões inerentes a este fenómeno são verdadeiramente alarmantes:

A Soberania Individual em Risco: A capacidade de um cidadão tomar decisões independentes está a ser corroída por processos algorítmicos com métodos invisíveis que exploram a mente e a sua biologia para promoção de alterações comportamentais e cognitivas profundas e duradouras no indivíduo.

A Fragmentação Social como Objetivo: A polarização não é um efeito colateral, mas uma arma deliberada para paralisar as instituições e fragmentar alianças, como a NATO ou a UE, transformando parceiros e aliados em "inimigos existenciais".

A Verdade como Conceito Obsoleto: Na Guerra Cognitiva a realidade factual é secundária ao impacto emocional, em que os fins justificam os meios. O sucesso de Trump demonstra que, se o processo de pensamento for controlado, os factos tornam-se irrelevantes, por mais inverosímeis ou abjetos que sejam.

A Guerra Cognitiva: Não foi apenas uma estratégia eleitoral interna de Trump. É uma reconfiguração do poder global onde a vitória e o território a conquistar não é terreno, mas sim a mente humana. O desafio do século XXI será, portanto, o reconhecimento do perigo desta ameaça e o desenvolvimento de defesas conscientes e uma imunidade cognitiva que proteja a integridade do pensamento contra a manipulação tecnológica e política atual.

O Domínio Cognitivo: Somar aos cenários dos conflitos cinéticos tradicionais a institucionalização do domínio cognitivo é assim um imperativo estratégico e um passo fundamental para uma abordagem integrada da guerra no século XXI. Este reconhecimento é o ponto de partida necessário para mitigar as novas vulnerabilidades que transcendem os limites físicos da Terra, do Mar, do Ar, do Espaço e do Ciberespaço.

Lisboa, 23 de janeiro de 2026

Agostinho Paiva da Cunha
Coronel, Ph.D